



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12723 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

SOBRE EDUCAÇÃO, MELANCOLIA E ESQUECIMENTO

Jefferson Pereira de Almeida - IFRS - Instituto Federal Rio Grande do Sul

Sônia Regina da Luz Matos - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

SOBRE EDUCAÇÃO, MELANCOLIA E ESQUECIMENTO

Resumo: Considerando o diagnóstico de crise dos fundamentos da educação, a comunicação realiza uma experimentação filosófica por meio da qual se explora as vicissitudes da metafísica na educação, utilizando para isso as noções de melancolia e esquecimento. A experimentação parte do uso que a filosofia de Friedrich Nietzsche faz das noções, arrastando-as até o momento em que se torna possível a crítica à metafísica e a problematização de alguns movimentos realizados pela educação em nossos dias.

Palavras-chave: Educação, Filosofia, Metafísica, Melancolia, Esquecimento.

Como pesquisa de doutoramento que se acha em curso e cujo propósito é pensar filosoficamente a possibilidade e os limites da educação a partir das elaborações de Friedrich Nietzsche, realiza-se a experimentação crítica e criativa de certas categorias e, por conseguinte, a problematização do caráter metafísico do vocabulário da educação. É um conjunto de sensações, sentimentos, afecções e sintomas que se discute. Não é de algo simples que se trata, mas da forma complexa e multiforme pela qual o incômodo problematizado se mostra. No livro de Zaratustra as expressões são manifestas, assinaladas, nomeadas. Descreve-se a tristeza vigente, diagnostica-se a fadiga humana, aponta-se para frutos escuros e podres, indicam-se impotências e sofrimentos (NIETZSCHE, 2011). Sendo assim, como decorrência da experimentação que se encontra em andamento, e ainda sob a orientação da leitura de Nietzsche, a comunicação produz alguns poucos aspectos desta

complexa sintomatologia da educação, retendo do filósofo as noções de melancolia e de esquecimento, arrastando-as para indicar o movimento da metafísica cujo foco seria a manutenção da força atuante das idealizações modernas.

Onde quer que estejamos, ouvimos dos mais diferentes segmentos sociais, vindos dos mais distintos quadrantes, a admissão de que a educação e suas instituições estão submetidas a impasses incontornáveis ou, no mínimo, de difíceis enfrentamentos. Alguém teria dito que a crise é constitutiva, que não existiria educação sem sua correspondente crise — ou crises, no plural, se desejarmos destacar sua indiscutível diversidade. Interessa-nos sobretudo uma crise que tem a ver com o vocabulário filosófico, uma crise dos fundamentos da educação — ou, ainda melhor, a crise da própria ideia de fundamento: sem conseguir encontrar na metafísica suas intencionalidades, outrora tão bem definidas, resta à educação ajoelhar-se em face de algum interesse específico para servir de instrumento a um escopo empobrecido.

Do encontro promovido pela experimentação, pela deriva, atinge-se a alegada crise e admite-se que suas razões se situam, pelo menos parcialmente, no cansaço típico de uma vontade que se orienta contra a vida (NIETZSCHE, 1998): a educação torna-se melancólica. Ao designar a educação desse modo, apreenderemos a proposição nietzschiana de um impulso ou movimento que produz fadiga, inércia, ausência de apetite, diminuição do desejo, adoecimento. Era assim que escrevia Nietzsche (2004) ao lidar com as consequências da vida contemplativa. Há na melancolia o anseio de manter vivo o que jamais alcançou vida senão em sua idealidade e que, portanto, somente se proclama em sua impossibilidade.

Caso se queira tomar a melancolia como resultante de “empenho malsucedido” (NIETZSCHE, 2004, p. 66), haveria a oportunidade de avizinhá-la à psicanálise, relacionando-a à perda do objeto amoroso e ao conseqüente retorno narcísico do investimento libidinal que tenta em vão revivê-lo em sua forma ideal (FREUD, 2010). Aqui, a remissão à psicanálise é pontual, pois os vínculos com Sigmund Freud são de alguma aproximação e de muito afastamento. Importa-nos determinadas sugestões para o encaminhamento do debate acerca da melancolia na educação, mas notadamente precisamos evitar a metapsicologia freudiana e algumas soluções explicativas apenas possíveis graças à pesada interioridade psicológica.

A educação almeja atualizar as ideias clássicas, trazendo ao primeiro plano as influências modernas, ainda que as circunstâncias históricas e sociais que nos separam não recomendem essa fidelidade. Mas não só isso. A educação há muito permanece encantada pelos vestígios teológicos do pensamento ocidental: a falsa universalidade de Deus, mediante o processo histórico de secularização, nada conseguiu senão atualizar o absoluto na igualmente falsa universalidade da Razão. Em face da crise da modernidade, nem Deus, nem Razão resistem ao questionamento dos fundamentos metafísicos do pensamento. Há na melancolia um desejo de retorno a um critério prévio, ideal e abstrato, em nenhum momento tornado realizável, mas ainda assim ilusoriamente constituído como referencial possível.

O melancólico poderia ser aquele dispéptico do qual fala Nietzsche (1998, p. 48), o indivíduo que, incapaz de esquecer, “de nada consegue ‘dar conta’” — ele é um nostálgico. E

se a melancolia for sentida como sofrimento, é compreensível que um antídoto possa ser criado pelo esquecimento. Mas a força ativa e positiva chamada “esquecimento”, tão importante no combate às hipóstases metafísicas, pode nos conduzir à potência da educação? Na contrariedade à ruminação melancólica, a vida cria o recurso ao esquecimento, advertem-nos Nietzsche (2017). É bem verdade que o esquecimento opera sobre o metavocabulário uma transformação significativa, denegando alguns aspectos, porém, inacabado, ele cede diante do retorno de funcionamentos modernos. Se algo foi legitimamente destruído ou desconstruído nesta transição, ainda assim, muita coisa foi reformada. No empenho de reconfigurar as ambições metafísicas em prol de certa instrumentalidade econômica, a força ativa do esquecimento não consegue chegar a seu termo.

Não podemos ser injustos com a educação e com os educadores. Há, sim, um movimento que tem tentado revalorar os processos formativos contemporâneos. Espera-se que a educação se coloque perante as circunstâncias de maneira pragmática, recusando as clássicas recomendações. Em razão da falta do objeto idealizado, tratemos de esquecê-lo e resolvamos definitivamente o conseqüente incômodo resultante de tal inapreensibilidade. O critério normativo da educação, configurado ao longo dos séculos e cuja consolidação se dá na modernidade filosófica, já não mais se legitima, o que exige que elejamos outro, desta feita supostamente mais eficiente. Se as categorias metafísicas precisam ser revisadas, é possível que elas sejam atualizadas no encantamento de uma educação instrumentalizada pela economia.

Em Nietzsche não há propriamente uma teoria que descreva ou compreenda a centralidade da economia para a educação, exceção feita a notas produzidas aqui e ali, além da problematização que ele realiza nas conferências de Basileia. Em outras ocasiões, sem associação explícita com a educação, criamos *com* o filósofo alemão recursos teórico-conceituais que permitem interrogar o movimento do mercado. Desde suas elaborações sobre arte, suas suspeitas ao desenvolvimento do projeto de Bayreuth, passando pela crítica à verdade e à moral no interior do terreno da dúvida sobre as naturalizações, podemos forjar instrumentos para pensar a mercantilização como fenômeno extensivo e insidioso na cultura contemporânea.

Faz parte da experimentação produzir a crítica e, por conseguinte, questionar a educação por intermédio das noções de melancolia e esquecimento. Não efetivamos esse movimento colados em Nietzsche, reproduzindo eventuais passos e fiéis à pretensa palavra. Diversamente, permitimo-nos criar, visto que grande parte daquilo que o filósofo produz sobre as noções sequer é dedicada à educação. No que se refere à presente comunicação, resta-nos muito mais a parte negativa, que haverá de encontrar sua correspondente afirmação no percurso final do processo de doutoramento. Deleuze (2018) adverte que uma negação destituída de sua potência de afirmação é a garantia de manutenção do niilismo tão insistentemente criticado pela filosofia nietzschiana. Ao questionamento da sintomatologia precisa equivaler uma “exigência de saúde” (NIETZSCHE, 2000, p. 173). Parte da filosofia contemporânea seguirá os rastros do “empreendimento de saúde” (DELEUZE, 2019, p. 14), tarefa à qual zelosamente nos debruçaremos ao longo dos anos que faltam ao

desenvolvimento do doutorado, afinal necessitamos seguir na potência de afirmação, retirando a educação de sua impossibilidade, livrando-a de seus entulhos metafísicos, tendo como horizonte a multiplicidade dos vocabulários do *fora*.

Referências:

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In*: _____. **Obras completas**: volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-194.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida**: segunda consideração extemporânea. Organização e tradução de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.